

DEPOIMENTO - PROF. ROCHA LIMA

Antônio Nunes Malveira
(PEDRO II e ABRAFIL)

O Professor Carlos Henrique da Rocha Lima, um clássico da Língua, nasceu no dia 26 de outubro de 1915, nesta cidade do Rio de Janeiro, e nela faleceu em 22 de junho de 1991, na Casa Fundação de Rui Barbosa, quando proferia uma conferência sobre Manuel Bandeira.

Naquela tarde ensolarada e tranqüila, uma típica tarde carioca, o Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro preparava-se para assistir a uma conferência do emérito professor Rocha Lima. Ninguém sabia que seria nosso último contato com aquele homem que prendia a todos, quando discutia assuntos filológicos e literários, pois sempre vibrava ao observar os detalhes de um poema ou de uma prosa elegante.

O mestre nos falava sobre a poesia de Manuel Bandeira – “Os Sapos”. Era ele estudioso do poeta pernambucano cuja obra analisava, assiduamente, pois que a leitura dos bons poetas fazia parte de seu conforto espiritual, do homem de Letras que sempre o foi.

Poucos sabem que o mestre Rocha Lima não era apenas um gramático, mas, sobretudo, um crítico literário, ao lado de uma fina sensibilidade artística.

Havia muitos sócios presentes, ansiosos uma vez que sabiam que a conferência seria brilhante, como tudo o que emanava de sua aguda inteligência. Iniciou sua palestra no tempo aprazado, às 16 horas, com o ímpeto que lhe era peculiar, mormente, quando se tratava de questão de linguagem.

Logo, ao principiar a leitura do texto adrede preparado, viu-se acossado por uma surpreendente asfixia. E percebendo que não dispunha de condições físicas para terminar a leitura, pediu ao poeta Gilberto Mendonça Teles que a concluísse por ele. O solicitado, porém, não chegou ao fim da nobre tarefa, em face ao agravamento de saúde do solicitante ilustre. Todos nós, de imediato, percebemos a gravidade do momento, e um espesso e triste véu estampou-se na fisionomia de cada um dos circunstantes. Àquela hora não está registrada em nossos relógios, mas, sim, no calendário divino, que é comum a todos os homens e a todas as raças.

Incontinenti, o professor Leodegário telefonou para a assistência, chamando-a com urgência, uma vez que se tratava de um cidadão com sintomas cardiológicos sérios e que não permitiria delonga no atendimento. E, mesmo assim, o doutor chegou com quase meia hora de atraso, quando a distância a ser percorrida pela ambulância não ultrapassaria o espaço de poucos minutos.

Depois de tanta expectativa e de angústia penetrante no ânimo sofrido dos colegas, o médico, com o ar de doutor, assomou à porta da Fundação, porém o mestre achava-se gélido e imóvel: tudo estava perdido em nossa concepção de leigos em Medicina; mas nem por isso deixamos de perceber que o caso estava consumado.

Conduziram-no na ambulância, mas parece que a velocidade do tempo já havia atropelado a insensibilidade dos homens que não acreditam na fortaleza do amor, e, por isso, suas atitudes, às vezes, jogam no abismo a última esperança de salvação.

Assim, o Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro, em minutos que se assemelharam a uma eternidade, perdeu um de seus mais brilhantes sócios. Foi uma perda irreparável para o mundo das Letras, mas Deus nos criou e nos colocou neste espaço finito até sermos chamados para a casa do Pai, onde tempo e espaço não existem, porque tudo se dilui na infinita graça de Deus.

O Professor Rocha Lima era um grande mestre da Língua Portuguesa e como poucos amava os segredos do vernáculo, e, além do mais, era um brilhante orador que empolgava auditórios com sua sensibilidade artística. A sua morte deixou no campo das pesquisas filológicas e gramaticais um imenso vazio e afetou, sem sombra de dúvida, a alma cultural do Brasil.

Mas, é isto mesmo, ele seguiu o caminho, traçado a toda humanidade, de que nem os defensores da saúde esquivar-se-ão da hora final.

Rio, 1996